

# **CAPUCHETA: EDUCAÇÃO FÍSICA, BRINQUEDO E BRINCADEIRA - RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Maria Juliana Tavares  
Fábio Luís Martins  
Ana Cláudia Saladini

## **RESUMO**

O presente artigo é resultado de um trabalho desenvolvido com os alunos que participaram de duas oficinas no contra turno escolar relacionadas à disciplina de Educação Física, no ano de 2014, na Escola Municipal Professor Hέλvio Esteves do município de Londrina, no qual o professor supervisor de Educação Física do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID – UEL/Educação Física) recebeu o auxílio dos bolsistas do mesmo programa. Relatamos aqui uma aula na qual objetivamos a construção de um brinquedo, a capucheta, bem como, organizar o espaço e materiais para sua construção e brincadeira, possíveis adaptações para o brinquedo e a criação de formas de brincar, dentro de uma relação social respeitosa e colaborativa. Observamos o grande interesse dos alunos, a participação ativa de todos tanto na construção quanto na brincadeira, e atitudes de colaboração entre eles.

**Palavras-chave:** Brinquedo; Brincadeira; Educação Física.

## **INTRODUÇÃO**

Brinquedo, jogo, brincadeira – qual disciplina escolar é responsável pelo trato pedagógico dentro da escola? Tais manifestações pautadas na ludicidade e como tais culturais estão presentes como conteúdos nas aulas de Educação Física ao eleger a cultura corporal de movimento como objeto de estudo, sendo as danças, as lutas, as ginásticas, os esportes e os jogos seus temas centrais, os brinquedos, devido sua relação direta com os jogos e brincadeiras, constituem-se conteúdos de ensino também.

Compreender a cultura a partir da antropologia, em sua concepção simbólica ou semiótica, é entendê-la como uma “teia de significados” (GEERTZ, 1989, p. 4), e na Educação Física, tais temas da cultura corporal de movimento devem ser pensados nesta perspectiva a fim de compreendermos toda a complexa trama de significados que os perpassam. Assim, a Educação

Física deve se atinar que “[...] A cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecida” (GEERTZ, 1989, p. 9) e estes significados se fazem através do comportamento humano que é visto como **ação simbólica**, uma ação que significa (GEERTZ, 1989, p. 8).

Nesta perspectiva ao olharmos o brinquedo como um artefato cultural, produção humana de significações históricas e sociais, ele se torna objeto de estudo atrelado ao brincar. E na dialética relação entre educação e cultura, a Educação Física assumiu compromisso pedagógico com o comportamento humano atrelado a ludicidade. Nesta função de humanização do ser (aluno), que ocorre pela cultura, na *internalização* dos significados, na *desnaturalização* das coisas, na participação ativa produzindo cultura, a Educação Física tem seu papel como mediador.

É nesse processo de apropriação, pela criança, das significações sociais, que devemos nos embasar quando desejamos analisar a produção de sentido e significado na dinâmica interativa; pois a criança vai atribuindo sentido e significados ao mundo dos jogos, brincadeiras e brinquedos que fazem parte do seu cotidiano, com as quais ela se relaciona, mediada pelos pais ou por outras pessoas com quem convive. Assim, além dela ir se apropriando dos significados convencionais, do que representa o seu brincar para os pais ou outros adultos que com ela interagem, ao mesmo tempo vai atribuindo um sentido singular e um conceito em relação às suas ações concretas com os jogos, brincadeiras e brinquedos (VOLPATO, 2002, p. 56).

O jogo é um conteúdo da Educação Física ensinado principalmente nos anos iniciais da Educação Básica - educação infantil e fundamental I - de acordo com o Projeto Político Pedagógico de cada escola, podendo ser ensinado como conteúdo curricular e utilizado como recurso pedagógico. No caso das escolas de ensino integral os jogos também estão presentes nas oficinas de maneira mais recreativa.

Defendemos que durante as aulas também pode ser desenvolvida a construção de materiais junto com os alunos, muitas vezes porque as escolas públicas têm uma escassez do mesmo. Outra razão é colocar essa construção como parte dos conteúdos da Educação Física a ser abordado no decorrer do ciclo escolar do aluno, isso pode ajudar a envolver o estudante fazendo com que a criação do brinquedo seja instigante, dando prazer aos alunos e levando-os a valorizar o que produziram.

Durante as aulas de Educação Física, quando tratamos de um determinado jogo como conteúdo curricular, ensinamos os alunos a origem desse jogo, suas diferentes nomenclaturas, as regras tradicionais, suas variações e também possibilitamos os estudantes fazerem uma reelaboração da brincadeira, além da possibilidade do jogo ser utilizado como meio para ensinar outro conteúdo.

## **Metodologia**

Este artigo relata uma experiência realizada numa escola municipal de Londrina-Pr, em duas turmas de alunos no ano de 2014, onde desempenharam um papel mais ativo na aula construindo o brinquedo capucheta e também brincado. Esta aula fez parte de um conjunto maior de aulas pertencentes a uma Oficina Pedagógica de Ampliação de Jornada Escolar relacionada à Educação Física onde se objetivava: *Possibilitar ao aluno conhecer, realizar e compreender algumas manifestações da cultura corporal de movimento relacionado aos jogos pertencentes a diversas culturas*. E como objetivos específicos, descritos no Projeto Político Pedagógico (Escola Municipal Professor Hélvio Esteves, 2014), tal oficina propunha:

Identificar os elementos técnicos e táticos presentes nos jogos e esportes selecionados; Organizar as atividades de forma autônoma e conjunta; Relacionar-se respeitosamente resolvendo situações de conflito através de diálogo; Dispor-se a jogar e a colaborar com o desenvolvimento do jogo; Organizar espaços e materiais para os jogos; Conhecer e compreender o processo histórico; Conhecer um pouco de outras culturas e alguns de seus jogos; Identificar os preconceitos existentes sobre os jogos em relação a gênero e etnia ; Construir alguns brinquedos; Criar jogos.

Decidimos fazer a construção de um brinquedo com as crianças, pois é uma experiência significativa para elas, porque muitas crianças nesse momento histórico vigente de jogos eletrônicos e internet diminuíram o contato com brincadeiras desenvolvidas na rua, e brinquedos construídos por elas mesmas.

De acordo com Silva (2011) o brinquedo:

É todo objeto que a criança utiliza/manipula durante o ato de brincar, pode ser o que os adultos e as crianças reconhecem como tal (bola, boneca, panelinha, cavalo de pau, pião, pipa...) ou podem ser objetos

que não tenham a função específica (um cabo de vassoura, uma tampinha de garrafa, uma lata de refrigerante...).

Nessa experiência buscamos o ensinar e aprender de uma forma prazerosa onde o lúdico estivesse presente na aula, no qual os alunos pudessem aprender se divertindo.

Nesta aula relatada o enfoque se deu na construção do brinquedo, na organização do espaço e materiais, criação/adaptação do brinquedo e brincadeira e na relação social respeitosa e colaborativa.

## **RELATO: CONSTRUINDO E BRINCANDO**

A aula foi realizada com duas turmas das oficinas de *recreação* e de *esportes e jogos alternativos*, sendo que em uma das turmas havia 20 alunos de 6 a 8 anos e na outra, havia a mesma quantidade de alunos com idade de 9 a 11 anos.

O brinquedo selecionado para ser construído foi a capucheta (um modelo de pipa construída sem utilizar varetas, é feita apenas com dobras em um papel, podendo ou não ter rabiola). Escolhemos esse brinquedo, pois o material que tínhamos no momento era apenas papel e linha e a turma de alunos mais velhos já havia feito a sua construção em outro momento e os mais novos ao verem os outros alunos com o brinquedo ficaram interessados em aprender a fazer. Decidimos colocar as duas turmas para construírem-junto o brinquedo para que os mais novos recebessem auxílio dos alunos que já sabiam fazer.

Nós tínhamos escolhido um modelo de capucheta, mas não havíamos testado, ao chegar na escola fizemos o teste mas ela não voou. Um aluno da oficina sabia outra forma de fazer o brinquedo e nos ensinou a construí-lo, em seguida fizemos o teste e vimos que deu certo aquele modelo.



Figura 2 Aluno demonstrando a construção da capucheta.



Figura 1 Aluno testando a capucheta construída por ele.

Após os testes reunimos as duas turmas e todos sentaram formando um círculo. Posteriormente explicamos que construiríamos o brinquedo e perguntamos a eles se já conheciam. Os alunos mais velhos disseram que sim, pois já tinham feito a capucheta em outro momento na oficina de esportes e jogos alternativos e os menores, alguns conheciam, mas não sabiam construir. Perguntamos se algum dos alunos queria mostrar como fazer o brinquedo e um deles disse que sim. Deixamos que ele demonstrasse e ele foi explicando passo a passo a construção. Com as explicações do aluno e com o nosso auxílio, já com os materiais em mãos começamos a desenvolver o brinquedo.

Os alunos maiores deram assistência aos menores no andamento da construção, pois boa parte deles tinha muita dificuldade. No momento em que terminaram a primeira parte da construção que era fazer apenas a dobra do papel, eles levavam para nós furarmos a folha, pois era necessário que amarrassem um pedaço de linha para formar o cabresto. Em seguida começamos a cortar tiras de papel crepom e distribuir entre eles para que pudessem fazer a rabiola que prendíamos com grampo na capucheta. Foram distribuído pedaços de linha para que eles pudessem amarrar no cabresto e “soltar” a capucheta.

Os alunos soltaram a capucheta pelo pátio da escola. Muitos estragavam rapidamente o brinquedo e vinham logo em seguida pedir para ajudarmos a construir outro para soltar novamente. As crianças demonstravam muito prazer em brincar com algo que eles mesmos construíram. Alguns dos alunos tiveram dificuldade, pois foi a primeira vivência deles com o brinquedo e, apesar de destas dificuldades encontradas inicialmente, todos conseguiram “soltar”.

Um dos alunos que já tinha experiência na construção do brinquedo pegou uma folha de papel dobradura e fez uma capucheta grande. Ele conseguiu soltar e as outras crianças, principalmente as menores, ficaram

encantadas com o tamanho e a altura que conseguiu chegar a capucheta. Logo em seguida a linha arrebentou e ela caiu longe da escola.

Observamos que ao colocarmos os alunos mais velhos para ajudarem os pequenos na elaboração do brinquedo eles se sentiram mais valorizados e em vários momentos eles nos relataram a dificuldade que tinham em ensinar os pequenos. Essa atitude fez com que eles refletissem sobre o papel do professor e as dificuldades que o mesmo tem para ensinar.

### **Considerações Finais**

Pensamos que é muito importante trazer a construção de materiais para ser realizada pelos alunos dentro da escola, pois, observamos com essa atividade o desenvolvimento do trabalho coletivo – eles aprendem a trabalhar com o outro; demonstram mais respeito em relação às dificuldades do colega; dão mais valor ao material – porque o objeto/brinquedo foi construído por eles; sabem do trabalho para elaborá-lo – se vêem no dever de cuidar; e, principalmente reelaboram sua relação com este objeto lúdico – há uma ressignificação do brinquedo.

Para nós, a construção desse brinquedo com as crianças foi muito gratificante, pois ver o quanto foi prazeroso para elas brincarem com algo tão simples e construírem tal relação com o mesmo, nos dá um incentivo a continuar na docência. Notamos então que não é necessário trazer algo tão inovador para despertar o interesse e prazer nos alunos, apenas o simples se for trabalhado de forma instigante e colocando o aluno no centro do processo educacional podemos atingir tais objetivos educacionais.

[...] as práticas sociais e culturais relacionadas com os brinquedos/brincar se constituem em eficientes locais pedagógicos nos quais as crianças realizam importantes aprendizagens. Locais onde moldam suas identidades, onde constroem seus modos de pensar. Os brinquedos e as brincadeiras, portanto, são parte daquilo que Shirley Steinberg (1997) denomina “pedagogia cultural”, com seu correlato “currículo cultural”, responsáveis tanto pela constituição das identidades quanto pela legitimação do conhecimento, não importando onde as experiências relacionadas com eles possam ocorrer. Como qualquer prática cultural, aquelas relacionadas com as atividades lúdicas tornam-se espaços no interior dos quais os indivíduos compreendem a si e o mundo (BUJES, 2000, p. 226).

Restam poucos espaços dentro e fora da escola para a criança brincar, exercer e construir sua identidade, ter contato com esta parte da cultura, ser influenciada por ela e, reciprocamente, recriá-la. Nas aulas de Educação Física podemos ser mediadores destas manifestações culturais, fazendo a criança conhecer, compreender, realizar e recriar tais manifestações – brinquedos e brincadeiras – exercendo assim sua cidadania ativa e criativa.

### **Referências:**

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2008.

BUJES, M. I. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, M. V. **Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS, 2000, Cap. 8, p. 205- 228.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR HELVIO ESTEVES. **Projeto Político Pedagógico**. Londrina, PR: 2014.

SANTOS, G. F. de L. **Jogos tradicionais: e a Educação Física**. Londrina, PR: Eduel, 2012.

SILVA, L. T. **Jogos, brinquedo e brincadeiras: algumas reflexões**. Disponível em: <<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista11/pdf/artigos/14.pdf>>. Acesso em: 09 de março de 2015.

VOLPATO, G. **Jogo, Brincadeira e Brinquedo**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

Maria Juliana Tavares  
Graduanda do 4º ano de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Londrina  
Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID).  
Julianatavares1992@hotmail.com

Fábio Luís Martins  
Mestre em Educação –UEL; Especialista em Lazer - UFMG  
Professor Supervisor PIBID- Educação Física/UEL  
SME -Prefeitura Municipal de Londrina; SEED – Estado do Paraná.  
Rua Ângelo Ricardo Galdino, 85. João Paz. Londrina-PR.  
falumartins@gmail.com

Ana Cláudia Saladini  
Universidade Estadual de Londrina  
Coordenadora de área do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a  
Docência (PIBID).  
anaclas@terra.com.br

**Linha 2- Fundamentos teórico-metodológicos do processo ensino-  
aprendizagem e avaliação em Educação Física**